

RANDO, Fernanda Silva. Os estrangeirismos em a volta ao mundo em oitenta dias, de Jules Verne. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 19-40, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237.759X.2021V49.54100>

OS ESTRANGEIRISMOS EM A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS, DE
JULES VERNE*

*THE FOREIGN WORDS IN AROUND THE WORLD IN 80 DAYS, BY JULES
VERNE*

Fernanda Silva RANDO
(Universidade Estadual Paulista / UNESP / "Júlio de Mesquita Filho" /
Câmpus de São do Rio Preto)
fernanda.rando@unesp.br

RESUMO: O presente trabalho buscou analisar como as unidades lexicais estrangeiras, sobretudo, os anglicismos, encontram-se em *A volta ao mundo em 80 dias*, do escritor francês Jules Verne, e em três traduções brasileiras da obra de décadas diferentes. Ademais, foi realizada a comparação de lexis entre o texto de partida e as traduções. Por meio da análise, averiguou-se uma variedade de posturas tradutórias referentes às lexis estrangeiras, com escolhas mais pautadas na domesticação e outras na estrangeirização, segundo os conceitos de Venuti (2002).

PALAVRAS-CHAVE: Estrangeirismo; Anglicismo; Léxico; Jules Verne

ABSTRACT: *This paper analyzed how foreign words, in particular the anglicisms, are found in the book of the French writer Jules Verne, "Around the world in 80 days", and in three Brazilian translations of it in different decades. Furthermore, we compared the words in the translations. Through the analysis, we verified a variety of translation postures regarding the use the loanwords, with choices more based on domestication and on foreignization, according the concepts of Venuti (2002).*

KEYWORDS: *Loanwords; Anglicism; Lexicon; Jules Verne*

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

1. Introdução

Nota-se na língua, constantemente, o advento de novas lexias, neologismos, assim como o abandono de outras, isso se deve ao fato de que o léxico de uma língua está sempre em mudança e evolução, pois está relacionado às questões e às transformações sociais que ocorrem. Biderman (1981: 138) caracteriza o léxico como “o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e extralinguístico”, justamente por haver um caráter social, histórico e cultural envolvido na constituição e no (des)uso das unidades lexicais.

Além do mais, o léxico de uma determinada língua não está isento das influências de outros estrangeiros. Há vários fatores também que determinam o empréstimo de unidades estrangeiras em uma língua. Lara (2006/2015) menciona que os elos com outras línguas são inevitáveis, portanto, todas elas são fruto de alguma mistura, por exemplo, por causa de invasões ou contato econômico entre os povos. A importação de unidades lexicais pode, muitas vezes, também causar movimentos de refutação a elas, em prol de uma suposta língua pura ou, segundo o autor, como uma manifestação de resistência, já que essas lexias podem ser consideradas uma forma de dominação:

Justamente por esses contatos, que são naturais na vida das sociedades, a capacidade que tem o léxico de converter-se em símbolo social dá lugar a reações contra o estrangeirismo, já que se vê nele um anseio de dominação, por parte da outra sociedade – concebida como invasora – ou de falta de estima pela própria língua, por parte da sociedade receptora (LARA, 2006/2015, p. 222)¹ (tradução da autora)

Porém, essa tentativa de isentar uma língua de influência exterior é algo impossível e, atualmente, isso se mostra mais evidente, considerando a globalização e o advento da Internet, que encurta as fronteiras e pode facilitar maior contato entre os povos.

Por essa complexidade, o léxico propicia diversas possibilidades de pesquisas e enfoques de estudos, como detalham Villalva e Silvestre (2014). No caso, a proposta desse trabalho é analisar estrangeirismos, sobretudo anglicismos, encontrados no texto em francês de um clássico de Jules Verne, *Le tour du monde en 80 jours (A volta ao mundo em 80 dias)*, e três traduções da obra publicadas no Brasil em décadas

¹ Precisamente por esos contactos, que son naturales en la vida de las sociedades, la capacidad que tiene el léxico para convertirse en símbolo social da lugar a reacciones en contra del extranjerismo, pues se ve en él un afán de dominación por parte da sociedade apartadora – concebida como invasora – o de claudicación en el aprecio de la lengua propia, por parte de la sociedade receptora.

diferentes. A meta é verificar como os estrangeirismos aparecem no texto de partida, publicado no século XIX, e quais foram as estratégias que os três tradutores utilizaram para lidar com esse tipo de lexia. Entre as obras de Verne, foi escolhida a mencionada, pois é uma das mais populares do autor e uma das mais traduzidas no Brasil, além de apresentar várias lexias em inglês ao longo da narrativa, idioma que exerce grande influência no mundo todo.

Primeiramente, serão abordadas algumas questões teóricas referentes aos empréstimos lexicais e estrangeirismos, em seguida, pelo fato de o *corpus* também ser constituído por textos traduzidos, serão observadas e evidenciadas problemáticas da tradução na análise. A última parte do trabalho contemplará a obra e os cotejos entre os livros selecionados de excertos com lexias estrangeiras.

2. Empréstimos lexicais e estrangeirismos

O léxico está sempre em constante evolução sendo influenciado pelo contato com outros idiomas, como já mencionado. Portanto, nenhuma língua poderia denominar-se pura, pois os povos estabelecem elos uns com os outros, de modo direto ou indireto, por meio de relações econômicas estabelecidas entre as nações, sobretudo com a globalização. Esse processo pode fazer com que a população dos países adote unidades lexicais estrangeiras, que permanecem na língua por um breve espaço de tempo ou outras que perduram e entram para o vocabulário dos falantes. Um forte indício do uso corrente de uma lexia de origem estrangeira em uma determinada língua é o fato de ela encontrar-se dicionarizada.

No Brasil, o colonizador impôs a sua língua, mas, ainda assim, a formação do país foi marcada pelo intercâmbio e elo entre culturas daqueles que aqui já moravam – as várias tribos indígenas –, dos que foram trazidos forçados na condição de escravos e dos europeus – tanto os colonizadores portugueses, quanto outros povos, como os italianos e espanhóis, que chegaram para substituir a mão de obra escrava –, assim como de outros imigrantes no decorrer da história do país.

Carvalho (2009) evidencia que a adoção de uma unidade lexical estrangeira por parte de um povo é determinada por fatores extralinguísticos, como econômicos e sociais. Principalmente no século XIX até meados do XX, período da *Belle Époque*, o Brasil importou muitas lexias da língua francesa, em razão da influência que a França exercia em terras brasileiras, sobretudo no âmbito cultural, do mesmo modo que na Europa e em outros países. Nessa época, a sociedade brasileira apreciava e se guiava pelo modo de viver francês, que havia se tornado uma marca de distinção, o que propiciou, igualmente, a adoção dos ditos galicismos. Nesse sentido, Rosa (2013, p. 31) evidencia que:

[...] o desejo de se destacar dos outros que não tinham esse refinamento francês acelerou o processo de disseminação dos galicismos no Brasil, não só no léxico como também dos costumes e hábitos culturais. Assim, quem ainda não compartilhava do modo de viver francês estava fora da nobreza.

Atualmente, a influência da língua francesa no território brasileiro é significativamente menor, contudo, o francês ainda reina em algumas áreas de conhecimento, como cita Reis (2015, p. 599):

Os empréstimos são introduzidos em uma língua através do contato entre diferentes povos que passam a conviver em uma mesma região. Podem ser resultados do predomínio cultural de um país durante certa época, como o caso na língua francesa que predominou durante muito tempo no português do Brasil e da qual ainda encontramos vestígios no vocabulário da moda, vida social, literatura e artes em geral.

Com o tempo, a língua inglesa substituiu a francesa quanto às lexias mais importadas pelo Brasil, isso também ocorre em outros países pelo mundo. De acordo com Garcez e Zilles (2001, p. 22), o inglês tornou-se uma “língua franca”, uma vez que o crescimento e o destaque econômico de países que têm essa língua materna, como a Inglaterra, e, sobretudo, os Estados Unidos, que representam um papel dominante no cenário econômico mundial. As lexias do domínio da informática estão entre as mais emprestadas, tendo em vista a posição de destaque que os americanos ostentam nesse setor.

Carvalho (2009, p. 69) cita entre os fatores que contribuíram para a ampla introdução de anglicismos no país no início da segunda metade do século XX o fato da “entrada do Brasil e dos demais países do Terceiro Mundo na era da industrialização, com a vinda das multinacionais para instalarem-se em território brasileiro. A maioria das múltis ‘falava’ (e fala) o inglês americano, embora fossem ‘of Brazil’”.

Além do mais, Borba (2006) destaca que os brasileiros aceitam mais facilmente os anglicismos, por exemplo, aqueles relacionados ao domínio da informática, ao passo que os portugueses tenderiam a traduzi-los mais, “usar a palavra estrangeira parece dar *status* ao colonizado tupiniquim” (BORBA, 2006, p. 80). Apesar dessa abertura maior para a adoção de empréstimos lexicais e estrangeirismos no Brasil, vê-se ao longo da história do país, discursos puristas e tentativas de excluir a influência de outros idiomas, inclusive dos indígenas, um exemplo disso ocorreu, em 1757, quando o Marquês de Pombal criou o “Diretório dos Índios”, que coibia o uso de qualquer outra língua que não fosse a portuguesa, ainda que a maioria dos habitantes da então colônia falasse um idioma de origem Tupi (BAGNO, 2001, p. 52).

Outro caso mais recente foi do Projeto de Lei nº 1.676 de 1999, em que o deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB/SP) propôs a “defesa” da língua portuguesa banindo “palavra em Língua Estrangeira ou ‘estrangeirismo’”, que, segundo o político, promoveriam a exclusão de parte dos falantes de língua portuguesa. Apesar dessa iniciativa purista parecer a princípio benéfica, bem como uma proteção e valorização da língua do país, Garcez e Zilles (2001) elucidam que esse tipo de posicionamento indicaria, na verdade,

[...] um esforço de setores da classe dominante em manter sob seu controle estrito a definição da língua do poder diante de novos elementos de repertórios linguísticos externos e reforça ainda mais a ideologia linguística brasileira, segundo a qual somos uma nação monolíngue, uma unidade nacional forjada e mantida pela unidade linguística. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 36)

Ademais, esse tipo de atitude mostra-se praticamente impossível e inviável, pois nenhuma língua tem uma origem totalmente pura, isenta da influência de outras e as relações entre nações não podem ser freadas de modo tão contundente.

Na língua francesa, idioma da obra de referência para este trabalho, o maior número de empréstimos e estrangeirismos também advém do inglês, como ocorre no português do Brasil, no entanto, não se pode equiparar os dois países, em razão suas respectivas situações diversas no cenário internacional. Segundo Parreira da Silva (2006), há diferença da inserção de anglicismo na língua francesa e na língua portuguesa, uma vez que elas não têm a mesma posição no cenário econômico, por exemplo.

Susanto (2019) afirma que a adoção de lexias em língua inglesa na França teria começado pelo contato e pela proximidade com as terras britânicas, de modo mais efetivo a partir do século XII, mas se intensificou no XVI, pelas relações estabelecidas entre as duas nações. O aumento dos anglicismos na língua francesa, ao menos no contexto da França metropolitana, decorreu também dos elos estabelecidos pelo país durante a Segunda Guerra Mundial: “A França, durante o período da 2ª Guerra Mundial, sofreu forte influência inglesa e americana, pois esses dois países, Inglaterra e Estados Unidos, forneciam material bélico a ela no combate contra a Alemanha” (FRANCO, 2008, p. 41). Atualmente, os anglicismos continuam sendo as lexias mais importadas para o francês.

Além desses aspectos discutidos, é preciso mencionar o fato de que há teóricos que fazem uma diferenciação entre o empréstimo linguístico e o estrangeirismo. Segundo a definição de Villalva e Silvestre (2014, p. 36), “o empréstimo é um processo de inovação lexical, que pode representar um significado também novo, ou simplesmente constituir uma variante lexical, adequada a determinados registros”. Essas lexias

podem ser incorporadas totalmente na língua de chegada e, com o tempo, o uso comum propicia a perda dessa noção de empréstimo, porém, pode ocorrer de as unidades lexicais não serem totalmente incorporadas pelos falantes, nesse caso, denominam-se estrangeirismos. Os mesmos autores ainda mencionam que o estrangeirismo seria uma subcategoria do empréstimo, pois “a palavra não é totalmente assimilada pela língua” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 37), mantém-se, portanto, de modo mais evidente o seu caráter estrangeiro, com uma não acomodação ortográfica tampouco fonológica à língua materna.

De modo semelhante, Parreira da Silva (2006) elucida essa diferenciação. Para a autora:

[...] “empréstimos” são todas as unidades que podem ser tomadas emprestadas e adotadas, seja de outra língua, seja de um outro domínio; “estrangeirismos” também podem ser considerados como um tipo de empréstimo, mas são aqueles que mantêm na sua forma uma aparência alógena, mesmo que estejam morfologicamente incorporados na língua de chegada (PARREIRA DA SILVA, 2006, p. 221).

Nesses casos, recomenda-se que estrangeirismos que mantêm a grafia da língua estrangeira sejam grafados em português com algum destaque, como o uso do itálico ou de aspas, evidenciando a origem linguística diferente. Algo comum também é a lexia importada ser inserida numa determinada língua como estrangeirismo e tornar-se, com o passar do tempo, um empréstimo.

Nesse trabalho, o *corpus* é composto por um texto em francês, em que há o predomínio das unidades lexicais de outras línguas, principalmente os anglicismos, na sua grafia estrangeira, sendo essas lexias o foco da análise. Haverá, também, um cotejo com as três traduções publicadas no Brasil, portanto, no próximo tópico serão levantadas algumas problemáticas relacionadas ao ato tradutório.

3. Tradução literária

Cada cultura exhibe um modo próprio de categorizar e denominar o mundo e o que se concebe nele. Segundo Biderman (2001, p. 143), “[...] os processos de categorização léxica são específicos de cada língua. Por conseguinte, as categorias léxicas variam de língua para língua, raramente ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos categoriais”. Esse é um dos aspectos que comprova a complexidade de processo tradutório, pois o tradutor lida com unidades lexicais de dois idiomas diferentes, o de partida e o de chegada, inserido em um determinado contexto sócio-histórico e marcado pelas próprias experiências, o que influenciará seu trabalho.

Habitualmente, o senso comum relaciona o ato de traduzir com uma ação de passar lexias de uma língua para a outra, como se os sentidos estivessem depositados nelas e coubesse ao tradutor apenas decodificá-los para transpô-los para o texto de chegada, mas, como relata Polguère (2018, p. 116), o sentido não é elemento fixo, ele é determinado por meio de relações entre as unidades lexicais, visto que “o léxico não é um conjunto ‘plano’, uma simples lista de lexias. Cada lexia adquire seu valor na língua graças às múltiplas relações de oposição, de similaridade, de compatibilidade, de incompatibilidade etc.” (POLGUÈRE, 2018, p. 116). Ainda sobre esse aspecto, Borba (2006) afirma que o léxico “é instável e aberto”, portanto, o sentido de uma lexia também não é fixo, uma vez que depende de vários fatores. Com base nisso, as escolhas do tradutor não poderão deixar de ser pautadas pelo contexto em que as lexias estão inseridas, pelas próprias experiências que ele vivenciou, assim como pelas demandas da editora que publicará a obra.

Como elucida Rodrigues (2000, p. 203), “o tradutor não lida com uma ‘fonte’, nem com uma ‘origem’ fixa, mas constrói uma interpretação que, por sua vez, também vai ser movimento e desdobrar-se em outras interpretações”. Nesse âmbito, o trabalho do tradutor não se reduz a uma passagem de lexias de uma língua para outra, visto que a questão de diferenças lexicais é acompanhada daquelas culturais, sociais e históricas. De acordo com Simão e Deângeli:

A tradução é [...] um trabalho de remissão permanente, uma palavra remetendo à (ausência) de outra em sua própria língua e em outra(s) línguas, e evocando sentidos imaginários e jamais imaginados pelo autor-leitor-tradutor. É uma tessitura que constrói e desconstrói sentidos, desfaz cadeias e reinventa significados e significantes. (SIMÃO e DEÂNGELI, 2019, p. 501-502)

No presente trabalho, a obra que será analisada foi inicialmente classificada como infantojuvenil, e a tradução da literatura para esse público tenderia a amenizar assuntos polêmicos ou até excluir o que se suporia dificultar a leitura de crianças e jovens. Além disso, como menciona Lathey (2010, p. 118), nota-se uma propensão para modificar esse tipo de texto, aproximando-o ao máximo do que se acharia mais aceitável e “compreensível” por parte dos leitores-alvo, ou seja, é comum a domesticação, considerando a definição de tradução domesticadora como aquela problematizada por Venuti (2002), que acomoda a obra estrangeira à cultura de chegada, de modo que o texto traduzido não cause estranhamentos, seja fluido, assim “o texto traduzido passa como se fosse o original” (VENUTI, 2002, p. 66). O autor justamente critica esse tipo de tradução, ainda que ele admita que todo ato tradutório implica

certa domesticação, pois é a assimilação de um texto estrangeiro em outra cultura.

Nas traduções selecionadas de *A volta ao mundo em 80 dias* será verificado se elas tendem mais para uma postura domesticadora ou 'estrangeirizadora', no que tange às opções que foram realizadas para lidar com os anglicismos e outros estrangeirismos presentes no texto de partida.

4. A volta ao mundo em 80 dias – análise

Jules Verne é um grande nome da literatura francesa. O desejo por se tornar escritor veio desde a infância, mas o pai havia planejado outro destino para ele, a advocacia. Porém, quando Verne se mudou para Paris para estudar Direito, passou a conviver com grandes nomes da literatura, como Alexandre Dumas, e a escrever peças de teatro, de acordo com Viana (2013). A consolidação da carreira como romancista ocorreu a partir de seu encontro com o editor Jules Hetzel, a quem o autor entregou o primeiro manuscrito de *Cinq semaines en ballon* (*Cinco semanas em um balão*), em 1862. A partir daí, iniciou-se uma longa parceria que teve como fruto 62 histórias que fazem parte da série "Voyages extraordinaires" ["Viagens extraordinárias"], a qual, como o nome já aponta, apresenta livros com narrativas de percursos mirabolantes, muitas delas ultrapassam as fronteiras da França e do mundo que conhecemos. Ainda segundo Viana (2013, p. 138-139), parte das obras de Verne foi publicada inicialmente no jornal *Le Magasin d'Éducation et de Recréation* [*A Revista de Educação e de Recreação*], que Hetzel havia criado com o pedagogo Jean Macé, tendo como público-alvo crianças e jovens da época. Portanto, a obra do autor recebeu a proposta editorial de ser de recreação e instrução para o leitor infantojuvenil.

A obra *A volta ao mundo em 80 dias* foi lançada em 1872, sendo a 11ª da série. Essa obra destoa um pouco de outras do autor que se tornaram renomadas, como *Viagem ao centro da Terra* e *Vinte mil léguas submarinas*, pois não aborda questões e inovações científicas, trata-se realmente de um romance de aventura. O leitor conhece por meio dessa narrativa um personagem, Phileas Fogg, natural de um lugar que o autor admirava muito, a Inglaterra, principalmente por ser um país que, no período em que Verne viveu, exercia uma vasta influência nas nações e dominava várias colônias pelo mundo, como relata Paumier (2008, p. 66-67)²:

² Il est profondément impressionné par le rôle de ces Anglais explorateurs et voyageurs, scientifiques, commerçants ou missionnaires, ceux qui ont précédé des colonisateurs aux méthodes plus expéditives. [...] Un personnage sur trois est anglais ! [...] Le plus célèbre d'entre eux est certainement Phileas Fogg [...].

Ele [Jules Verne] mostra-se profundamente impressionado pelo papel desses ingleses exploradores e viajantes, cientistas e comerciantes ou missionários, aqueles que precederam colonizadores com métodos mais expeditivos. [...] Um personagem a cada três é inglês! [...] O mais famoso deles é certamente Phileas Fogg [...]. (tradução da autora)

A história narra o percurso desse pacato e metódico inglês, que parte de Londres com seu empregado Jean Passepartout, após fazer uma aposta, com alguns companheiros de clube, de que conseguiria percorrer o mundo em exatos oitenta dias. Por tratar-se de um personagem não francês, Verne coloca no seu texto outra característica dos seus livros com personagens estrangeiros, que é aquela de adotar unidades de medida e monetárias do país de origem do personagem ou por onde ele passa, além de inserir uma série de estrangeirismos, no caso do livro selecionado, a predominância é de anglicismos.

O objetivo não será apresentar uma análise quantitativa, exibindo e relatando todas as ocorrências de lexias em inglês e outros idiomas que se podem encontrar no texto em francês e nas traduções, mas visar a forma que aparecerem. Serão apresentados alguns excertos com anglicismos e outros estrangeirismos de modo a evidenciar as diferenças entre as escolhas dos tradutores para lidar com tais lexias.

Um fator relevante que pode dar indícios do uso de um estrangeirismo em uma língua, mesmo que não definitivo e certo, é o fato de ele ser dicionarizado. Sendo assim, algumas lexias serão procuradas em uma importante obra lexicográfica da língua francesa, "*Trésor de la langue française – informatisé*", que é descrito como uma "[...] versão informatizada do TLF [*Trésor de la langue française*], um dicionário dos séculos XIX e XX em 16 volumes e 1 suplemento: 100.000 palavras com suas histórias, 270.000 definições, 430.000 exemplos."³ Foi escolhido esse dicionário, justamente por ele abranger verbetes do século XIX, período que Verne publicou *A volta ao mundo em 80 dias* e a maioria das suas obras. Para o contraponto em língua portuguesa, será usado o dicionário *Houaiss* de 2009, também uma obra importante e reconhecida no contexto brasileiro.

Os três textos traduzidos selecionados são:

a) Tradução de Vieira Neto, Editora Matos Peixoto, Coleção Obras de Júlio Verne, de 1963 (VERNE, 1963).

b) Tradução de Heloisa Jahn, Editora Ática, Série Eu leio, de 1997. A obra é composta por algumas notas de rodapé e por um texto introdutório sobre o autor e o livro.

³ [...] la version informatisée du TLF, un dictionnaire des XIXe et XXe siècles en 16 volumes et 1 supplément: 100 000 mots avec leur histoire, 270 000 définitions, 430 000 exemples. (Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/>. Acesso em: 16 jul. 2020)

c) Tradução de André Telles, Edição comentada e ilustrada, Editora Zahar, Coleção Clássicos Zahar, ano de publicação 2017 (VERNE, 2017). A Zahar publicou duas versões dessa tradução, a primeira comentada e ilustrada, a qual será analisada neste trabalho, que exhibe uma introdução e um conteúdo extra no fim do livro, no caso, mapas do percurso do protagonista e uma cronologia da obra do autor. Os comentários são exibidos por notas de rodapé. A segunda versão é no formato de bolso, com um texto igualmente introdutório, mas reduzido, em comparação com a edição comentada, assim como as notas de rodapé que aparecem também são em menor número.

Como mencionado anteriormente, apesar de os textos de Verne terem sido publicados inicialmente para leitores mais jovens, apenas a tradução da editora Ática apresenta, por meio de paratextos a designação para o público juvenil.

Em um *press-release*, divulgado na época da publicação e voltado aos professores, já que se trata de uma edição paradidática, ou seja, proposta para o uso em sala de aula, há a seguinte divulgação da série:

A Editora Ática acaba de lançar a Série **Eu Leio**, que vem oferecer ao estudante brasileiro os grandes clássicos da literatura juvenil universal. [...] Um ponto muito importante: o texto é sempre integral, ao contrário das condensações e adaptações que se encontram nas livrarias e que costumam descaracterizar a obra dos grandes escritores.

Portanto, nota-se nessa edição, um posicionamento claro de publicar um texto para os jovens. Nas outras duas traduções selecionadas não consta nenhum elemento que especifique que se trata de um texto da literatura infantojuvenil.

No texto de partida, verifica-se que Verne insere anglicismos, tanto nos diálogos entre os personagens como nas partes do narrador, sem uma sistematização. Uma evidência de lexias inglesas ao longo da história é referente ao uso majoritário de formas de tratamento em língua inglesa em vez da francesa, "*monsieur*", "*madame*", para referir-se à maioria dos personagens. Desse modo, é possível ver no texto verniano "*Mr.*" (*mister*), *Mr. Fogg*, *Mr. Fix*, "*Mrs.*" (*misses*), *Mrs. Aouda*, além da designação "*Sir*", título honorífico dado aos ingleses, atribuída a um dos personagens, um general que acompanha Fogg e Passepartout por um trecho da viagem pela Índia, *Sir Francis Cromarty*.

Entre as três traduções selecionadas para este trabalho, aquela de André Telles é a única que mantém o mesmo modo de referência do autor francês na forma de tratamento, mas na sua tradução há um dos nomes de uma personagem que é modificado, no caso o da viúva indiana, que é salva de um sacrifício. No texto em francês, ela é denominada, *mrs.*

Aouda, enquanto na edição da Zahar, é Alda, *mrs.* Alda. Heloísa Jahn e Vieira Neto apresentam em seus textos versões em português desses tratamentos, usando a abreviação de “senhor” e “senhora” no lugar de “*mister*” e “*misses*”. Porém, quanto a “*sir*”, Jahn mantém a designação em inglês com o destaque do itálico, do mesmo modo que deixa todos os nomes como no texto de partida, ao contrário de Vieira Neto, que apresenta uma postura mais domesticadora nesse quesito, ao excluir “*sir*” do texto e adotar para o personagem um primeiro nome na forma vernácula. Assim, na tradução mais antiga das três, *sir* Francis Cromarty torna-se general Francisco Cromarty ou apenas Francisco Cromarty.

Essa estratégia de domesticar os antropônimos ocorre também com os outros personagens na obra traduzida por Vieira Neto, por isso o protagonista perde o “Ph” do seu nome e passa a ser denominado Fíleas Fogg, visto que no português o uso de “ph” foi abandonado nas primeiras décadas do século XX. O empregado e companheiro de viagem do inglês é o francês Jean Passepartout, que carrega um primeiro nome comum para a comunidade francófona e um sobrenome que apresenta uma significação em francês, já que “*passe-partout*” é tanto um tipo de chave mestra que pode ser usada em qualquer fechadura, como algo que pode servir para tudo. Isso corrobora as características atribuídas ao personagem, visto que ele demonstra ter uma série de habilidades. Nesse sentido, na tradução de 1963, o francês ganha o nome de João Fura-Vidas, sendo que “fura-vidas”, segundo a definição do dicionário *Houaiss*, é uma “pessoa muito ativa, que, por todos os meios, procura obter vantagens e servir os seus interesses; cavador, fura-paredes” (FURA-VIDAS, 2009, p. 940).

Além disso, ao referir-se a Phileas Fogg e a alguns dos seus companheiros londrinos, o autor usa, na maioria das vezes, a lexia *gentleman* ou o plural *gentlemen*, como ilustram os excertos a seguir, extraídos do primeiro capítulo, os quais descrevem o protagonista, bem como do terceiro capítulo, em que Phileas Fogg se encontra no clube, conversando com os companheiros:

Quadro 1

Texto de partida (1)	<p><i>À l'un des plus grands orateurs qui honorent l'Angleterre, succédait donc ce Phileas Fogg, personnage énigmatique, dont on ne savait rien, sinon que c'était un fort galant homme et l'un des plus beaux gentlemen de la haute société anglaise. / [...] Ce gentleman ne figurait dans aucun comité d'administration. (VERNE, 2014, p. 1-2)</i></p> <p><i>Mais son collègue, Andrew Stuart, était loin de partager cette confiance. La discussion continua donc entre les gentlemen, qui s'étaient assis à une table de whist, Stuart devant Flanagan, Fallentin devant Phileas Fogg. (VERNE, 2014, p. 11)</i></p>
----------------------	--

Tradução de Vieira Neto (1A)	<p>Assim, esse personagem enigmático, o qual só se sabia que era muito amável e dos mais perfeitos cavalheiros da alta sociedade inglesa, sucedeu, ali, a um os maiores oradores britânicos. / [...] Também não figurava na administração de empresa alguma. (VERNE, 1963, p. 9)</p> <p>Mas o seu colega André Stuart estava longe de partilhar de sua confiança. A discussão continuou, pois entre os cavalheiros, que se tinham sentado à mesa de uíste, Stuart na frente de Flanagan e Fallentin diante de Fíleas Fogg. (VERNE, 1963, p. 23)</p>
Tradução de Heloísa Jahn (1B)	<p>A um dos maiores oradores que honram a Inglaterra sucedia, portanto, esse Phileas Fogg, personagem enigmático sobre quem nada se sabia, a não ser que era um homem muito galante e um dos mais belos cavalheiros da alta sociedade inglesa. / [...] Esse cavalheiro não pertencia a conselho administrativo algum. (VERNE, 1997, p. 17)</p> <p>Seu colega Andrew Stuart, porém, estava longe de partilhar sua confiança. Desse modo, a discussão prosseguiu entre os <i>gentlemen</i>, instalados em torno de uma mesa de uíste com Stuart à frente de Flanagan e Fallentin à frente de Phileas Fogg. (VERNE, 1997, p. 29)</p>
Tradução de André Telles (1C)	<p>A um dos maiores oradores que honram a Inglaterra sucedia, portanto, esse Phileas Fogg, personagem enigmático, a cujo respeito nada se sabia senão tratar-se de homem refinado e de um dos mais famosos <i>gentlemen</i> da alta sociedade inglesa. / [...] Esse <i>gentleman</i> não figurava em um conselho de administração. (VERNE, 2017, p. 23-24)</p> <p>Já o seu colega Andrew Stuart estava longe de partilhar tal confiança. A discussão entre os <i>gentlemen</i>, que haviam se sentado a uma mesa de <i>whist</i>, prosseguiu, com Stuart sentado diante de Flanagan e Fallentin, de Phileas Fogg. (VERNE, 2017, p. 37)</p>

Verifica-se que em 1C, excerto da tradução mais recente, as lexias “*gentleman*” e “*gentlemen*” foram mantidas como o texto de partida. Em 1B, há uma variação quanto à tradução e ao uso dos anglicismos, pois primeiro a unidade lexical escolhida é cavalheiro(s) e após “*gentlemen*”. Já em 1A a lexia no plural é traduzida como “cavalheiros” e a referência a “*gentleman*” é omitida desse excerto. De todo modo, tanto no *Trésor de la langue française - informatisé* como no *Houaiss*, é possível detectar a lexia “*gentleman*” dicionarizada, com acepções parecidas no sentido de designar um homem refinado. Há ainda um diferente posicionamento dos três tradutores, no que se refere ao jogo “*whist*”. Apenas Telles deixa o nome do jogo em inglês, ainda que no Brasil haja o empréstimo “uíste”, como usam os outros dois tradutores, diferente da França onde se consagrou o estrangeirismo, não havendo aparentemente uma lexia afrancesada para “*whist*”, ao menos não dicionarizada na obra lexicográfica selecionada para esse trabalho.

Esses anglicismos aparecem de duas formas no texto de partida, sendo: unidades lexicais em inglês inseridas sem nenhum grifo ou outro

destaque gráfico, as quais, em sua grande maioria, podem ser encontradas como verbetes no *Trésor de la langue française - informatisé*, portanto, lexias que possivelmente têm ou já tiveram um uso recorrente entre falantes da língua francesa. Por outro lado, no livro em francês, os estrangeirismos em inglês foram inseridos entre aspas, nesse caso nenhum deles foi detectado no dicionário mencionado anteriormente. Quanto às três traduções, todos os anglicismos e outros estrangeirismos são destacados em itálico, como rege a norma da língua portuguesa no caso de lexias em outros idiomas.

Um exemplo dessa diferença de apresentação pode ser observado em uma parte do Capítulo 3, em que é relatado o fato de um grande roubo que ocorreu em um banco de Londres, bem como a surpresa que isso causou em todos, visto que era um lugar frequentado por clientes de confiança, o que poderia ser comprovado com o fato de um dia um homem, por curiosidade, ter pegado para ver uma barra de ouro da mesa de um funcionário e a peça ter passado de mão em mão entre os clientes até voltar para o seu devido lugar:

Quadro 2

Texto de partida (2)	<i>Mais, le 29 septembre, les choses ne se passèrent pas tout à fait ainsi. La liasse de bank-notes ne revint pas, et quand la magnifique horloge, posée au-dessus du « drawing-office », sonna à cinq heures la fermeture des bureaux, la Banque d'Angleterre n'avait plus qu'à passer cinquante-cinq mille livres par le compte de profits et pertes.</i> (VERNE, 2014, p.10)
Tradução de Vieira Neto (2A)	Mas no dia vinte e nove de setembro não se passaram as coisas assim. O maço de notas não voltou, e quando o magnífico relógio do estabelecimento deu cinco horas, sinal de fecharem-se os escritórios, o Banco da Inglaterra não tinha outro remédio senão passar cinquenta [sic] e cinco mil libras para a conta de lucros e perdas. (VERNE, 1963, p. 22)
Tradução de Heloísa Jahn (2B)	Porém no dia 29 de setembro não foi bem assim que as coisas se passaram. O maço de cédulas bancárias não reapareceu, e quando o magnífico relógio pousado sobre o <i>drawing-office</i> assinalou, às cinco horas, o fechamento da casa, o Bank of England não teve alternativa senão incluir a soma de cinquenta e cinco mil libras em seu registro de perdas e danos. (VERNE, 1997, p. 28)
Tradução de André Telles (2C)	Em 29 de setembro, contudo, as coisas não se passaram em absoluto dessa forma. O maço de cédulas não voltou, e quando o magnífico relógio pousado sobre o <i>drawing-office</i> *, assinalou, às cinco horas, o fechamento dos escritórios, só restava ao Banco da Inglaterra anotar cinquenta e cinco mil libras na coluna de perdas. *Em inglês no original "escrivainha" [...]. (VERNE, 2017, p. 36) ⁴

⁴ Os asteriscos são para sinalizar as notas de rodapé que essa tradução apresenta. No livro, elas aparecem numeradas, mas neste trabalho optou-se por representá-las com essa marcação.

É possível verificar dois anglicismos no excerto em francês: o uso de *drawing-office* e de *bank-notes*, sendo que este foi dicionarizado no *Trésor de la langue française - informatisé*, com a marca de uso “vx.” (abreviação de *vieux* – antigo), indicando um uso em francês no passado, e definido como: “FIN. [finança] (Inglaterra), antigo. Cédula de dinheiro usada na Inglaterra; p. ext., cédula de dinheiro”⁵ (BANK-NOTE, 2002). O mesmo não ocorre com *drawing-office*, já que tal lexia não está presente como verbete nesse dicionário ou em outros, como o *Petit Robert* e o *Larousse*. Quanto às três traduções, duas delas, a de Jahn e Telles, mantêm *drawing-office*, com a diferença de que em 2C a tradução do estrangeirismo foi inserida em uma nota de rodapé, ao passo que o texto de Vieira Neto omite essa informação. Por outro lado, as três traduções apresentaram uma opção aportuguesada para *bank-notes*.

Destaca-se ainda, quanto ao Quadro 2, que a tradutora Jahn se valeu da versão de *Banque d’Angleterre* em inglês, *Bank of England*, ainda que Verne, nesse caso, não tenha optado pela denominação em língua estrangeira. Há uma exceção nessa obra, visto que o autor francês descreve e adiciona à história lugares reais e os seus respectivos nomes no idioma inglês, como o *Reform Club*, além de vários nomes de jornais: *Times*, *Standard*, *Morning-Chronicle* – o qual existia na época da história, mas fechou em 1860 –, assim como o guia que orienta Fogg pela viagem: *Bradshaw’s continental railway steam transit and general guide*. Quanto a essas outras denominações em inglês, Telles e Jahn mantêm todos esses nomes também no idioma estrangeiro, diferente de Vieira Neto, que traduz a maior parte deles. Sendo assim, é possível encontrar, na tradução de 1963, as seguintes designações: Clube Reformador de Londres, quanto aos jornais *Tempo*, *Crônicas da Manhã*, e o guia de viagem *Guia Geral de Navios e Estradas de Ferro de Bradshaw*.

Outro exemplo claro de que Verne em várias ocasiões neste livro usou o anglicismo para realmente reforçar o fato de ter um protagonista inglês, está no capítulo 23, em que Passepartout acaba separando-se de Fogg e Aouda e trabalhando numa companhia de trapezista. Os excertos a seguir descrevem a atração final da trupe:

Quadro 3

Texto de partida (3)	<i>Ce « great attraction » de la représentation devait clore la série des exercices.</i> (VERNE, 2014, p. 105)
Tradução de Vieira Neto (3A)	Esta grande atração era o último número do programa. (VERNE, 1963, p. 151)

⁵ FIN. (*Angleterre*), vx. *Billet de banque ayant cours en Angleterre; p. ext., billet de banque.* Verbetes *bank-note.* Disponível em: <http://stella.atilf.fr/Dendien/scripts/tlfiv5/visusel.exe?67;s=250719825;r=2;nat=;sol=0>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Tradução de Heloísa Jahn (3B)	Aquela grande atração da representação seria o fecho da série de exercícios. (VERNE, 1997, p. 153)
Tradução de André Telles (3C)	Essa <i>great attraction</i> * do espetáculo devia fechar a série de exercícios. *Em inglês no original, "grande atração". (VERNE, 2017, p. 153)

Novamente, nesse caso, Verne opta pelo uso de aspas para inserir essas unidades lexicais. Apenas Telles manteve as lexias em inglês, como sempre em itálico e novamente traduzindo-a em uma nota de rodapé, algo que se repete ao longo da tradução.

Na história, Phileas Fogg e os seus companheiros fazem o percurso para dar a volta ao mundo, passando por lugares que eram ainda colônias britânicas no século XIX, época em que a narrativa se desenvolve, mais especificamente em 1872. Dentre esses lugares, são mencionadas algumas cidades da Índia e Hong-Kong na China. Nessas partes, também se encontram, no texto de partida, lexias em inglês referentes aos locais, como no Capítulo 19, com justamente a descrição da cidade de Hong-Kong:

Quadro 4

Texto de partida (4)	<i>Des docks, des hôpitaux, des wharfs, des entrepôts, une cathédrale gothique, un « government-house », des rues macadamisées, tout ferait croire qu'une des cités commerçantes des comtés de Kent ou de Surrey, traversant le sphéroïde terrestre, est venue ressortir en ce point de la Chine, presque à ses antipodes.</i> (VERNE, 2014, p.81)
Tradução de Vieira Neto (4A)	(não consta essa parte)
Tradução de Heloísa Jahn (4B)	Docas, hospitais, trapiches, depósitos, uma catedral gótica, uma <i>government-house</i> , ruas asfaltadas – tudo levaria a crer que uma das cidades comerciais dos condados de Kent ou Surrey, atravessando a esfera terrestre, tivesse vindo ressurgir naquele ponto da China, quase em seus antípodas. (VERNE, 1997, p. 121)
Tradução de André Telles (4C)	Docas, hospitais, <i>wharfs</i> *, entrepostos, uma catedral gótica, uma <i>government house</i> ** , ruas asfaltadas tudo faria crer que uma cidade comercial do condado de Kent ou Surrey, perfurando o esferoide terrestre, emergira naqueles confins da China, quase em seus antípodas. *Em inglês no original, "embarcadouro", "píer". **Em inglês no original, literalmente "casa do governo", residência colocada à disposição do governador-geral. (VERNE, 2017, p. 123)

O texto 4A reflete algo que o tradutor faz no decorrer da tradução, que é omitir alguns trechos, algumas descrições de locais. Já os excertos

4B e 4C apresentam os estrangeirismos referentes ao órgão governamental na cidade chinesa, *government-house*. Quanto a “*wharfs*”, a postura dos dois é diferente: a de 4B é de traduzir a lexia para o português, enquanto em 4C mantém-se a unidade lexical como o texto de partida, mas com a tradução em uma nota de rodapé, assim como ocorre com “*government house*”. Nenhum desses dois tradutores optam por deixarem nos seus textos o anglicismo “*docks*”. *Trésor de la langue française* traz como entradas tanto *wharf* quanto *dock*, sendo que em relação a esta última a acepção exibe frases de exemplos de uso retirados de textos com a indicação de que foram escritos no século XIX, indicando um uso dessa lexia nessa época em que a obra em questão foi escrita.

Ainda se observa na obra de Verne algumas lexias em hindu, referentes aos costumes de determinadas regiões pelas quais os personagens passaram, como o *mutsh*, descrito pelo escritor como um tipo de adestramento praticado na Índia com elefantes. Os três tradutores procuraram apresentar em seus respectivos textos esse tipo de estrangeirismo e todas elas com um grifo.

Quadro 5

Texto de partida (5)	<i>Dans ce but, il avait commencé à modifier le caractère naturellement doux de l'animal, de façon à le conduire graduellement à ce paroxysme de rage appelé « mutsh » dans la langue indoue, et cela, en le nourrissant pendant trois mois de sucre et de beurre. (VERNE, 2014, p.45)</i>
Tradução de Vieira Neto (5A)	Para este fim, começara a modificar a índole naturalmente meiga do animal de modo a poder levá-lo gradualmente ao paroxismo da raiva chamado <i>mutsh</i> , na língua indiana, o que ele conseguia sustentando-o durante três meses a manteiga e açúcar. (VERNE, 1963, p.68)
Tradução de Heloísa Jahn (5B)	Com esse objetivo, o indiano havia começado a modificar o caráter naturalmente dócil do animal, de modo a conduzi-lo gradualmente ao paroxismo de raiva denominado <i>mutsh</i> na língua hindu, e isso alimentando-o durante três meses apenas com açúcar e manteiga. (VERNE, 1997, p. 74)
Tradução de André Telles (5C)	Com essa finalidade, começara a alterar o caráter naturalmente dócil do animal, de maneira a levá-lo gradualmente a esse paroxismo de raiva chamado <i>musth</i> * na língua hindu, alimentando-o durante meses exclusivamente com açúcar e manteiga. *Estado de excitação em certos mamíferos machos, especialmente elefantes, associado à descarga de uma glândula entre o ouvido e o olho [...]. (VERNE, 2017, p. 78)

Nesse caso, há uma manutenção dos estrangeirismos nos três textos traduzidos, como já mencionado, porém, Telles usa uma lexia diferente do texto em francês e das outras duas traduções, além de trazer uma definição para ela em uma nota que mostra uma noção diferente da

própria explicação que Verne disponibiliza no corpo do texto. O tradutor usa uma unidade lexical em inglês, “*musth*”, que designa um comportamento natural que pode ocorrer com os elefantes, enquanto Verne descreve um condicionamento pelo fornecimento regular de determinados tipos de alimento ao animal, de modo a estimulá-lo a ficar mais agressivo.

Após esse cotejo, conclui-se que os estrangeirismos apresentados no texto em francês aparecem de modo diverso nas três traduções. Telles (VERNE, 2017) foi o mais estrangeirizador, preservando a grande maioria das unidades lexicais em inglês e outras línguas. Ademais, na edição da Zahar, grande parte dessas lexias também são traduzidas em notas de rodapé, acompanhadas de outros comentários, visto que essa edição é comercializada como “comentada e ilustrada”, mas mesmo na edição de bolso encontramos as traduções dos estrangeirismos nas notas. Jahn (VERNE, 1997), tradutora do único texto dos três com indicação de que se trata de uma publicação com foco no público mais jovem, apresenta alguns estrangeirismos e traduz outros, mesclando as estratégias sem uma sistematização clara. Vieira Neto (VERNE, 1963) exhibe em seu texto as opções mais domesticadoras, com grande parte dos nomes dos lugares e dos personagens aportuguesados, além de excluir trechos com unidades lexicais estrangeiras ou traduzir a maioria delas, sobretudo as inglesas. Ainda que a obra em francês tenha sido publicada inicialmente para o público infantojuvenil, não se pode afirmar que o modo de tratar essas lexias pelos três tradutores tenha sido motivado visando ou não a esse público, pois esse trabalho se limitou a analisar apenas um aspecto lexical dos textos.

Nas três traduções, nota-se ainda uma variação de posicionamento perante os estrangeirismos, visto que até mesmo o tradutor mais estrangeirizador dos três apresentou opções domesticadoras, do mesmo modo que o tradutor mais domesticador também fez algumas escolhas estrangeirizadoras. Como menciona Francisco (2014, p. 94), “na infinidade de decisões que um tradutor toma na tradução de um texto, considerando toda a complexidade envolvida em cada situação tradutória, seria impossível ser apenas estrangeirizante ou apenas domesticador”.

Quanto à época de publicação dos textos, ressalta-se que na década de 1960, a influência da cultura francesa era suplantada por aquela americana, processo que iniciara com a Segunda Guerra Mundial. Antes disso, a cultura francesa tinha um evidente destaque na sociedade brasileira. Um exemplo dessa transição pode ser constatado entre as disciplinas obrigatórias de língua estrangeira oferecidas pelas escolas. Tanto o francês como o inglês encontravam-se nos currículos desde o século XIX, porém, “a presença da língua francesa em nossa sociedade era muito mais forte em razão da influência da França em nossa cultura

e na ciência” (PAIVA, 2003, p.53). De modo geral, havia também mais horas atribuídas ao ensino da língua francesa que da inglesa. A partir de 1961, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) deixava sob responsabilidade das instituições a decisão de inserir línguas estrangeiras na grade curricular, assim como a escolha do idioma a ser ensinado, passa-se então a notar uma predominância pela opção do ensino do inglês (PAIVA, 2003). Diante disso, a presença do inglês só aumentou ao longo das décadas na sociedade brasileira e atualmente, pela emergência da internet e outras tecnologias advindas de países de língua inglesa, os anglicismos (nas suas formas alógenas ou aportuguesados) são cada vez mais evidentes entre os brasileiros de forma geral. Esta e outras questões sociais e culturais podem ter embasado as decisões tradutórias, visto que o tradutor é influenciado, direta ou indiretamente, pelo contexto em que está inserido. Entretanto, por falta de elementos que explicitem o processo tradutório dos livros, não é possível afirmar categoricamente que a tradução mais antiga foi mais domesticadora e a mais recente mais estrangeirizadora por causa de tais fatores. Além do mais, deve-se considerar que o processo da tradução editorial não envolve exclusivamente a figura do tradutor, outros agentes, como editores, preparadores de texto, revisores etc., atuam na composição de um livro traduzido, e suas ações, na maioria das vezes, não são explicitadas quanto à interferência no texto final.

Vários dos anglicismos usados por Verne poderiam ser de uso corrente na língua francesa, tendo em vista o contato que a França historicamente teve sobretudo com a Inglaterra, como já mencionado. Algo que corrobora isso é o fato de eles terem sido dicionarizados na sua forma estrangeira e de o autor tê-los apresentado na sua obra sem nenhum destaque. Contudo, há também anglicismos e lexias em outros idiomas, como o hindu citado nos excertos (5), em que o autor usa aspas para inseri-los. Essa diferenciação e o fato de que, nesse caso, esses estrangeirismos não foram detectados no dicionário francês poderiam indicar apenas um recurso utilizado pelo autor para ambientar a história. Já nas traduções, todos os estrangeirismos, mesmos aqueles que são também dicionarizados, foram grafados com itálico, como é recomendado pelas regras ortográficas da língua portuguesa, destacando graficamente ao leitor a origem alógena das lexias.

5. Considerações finais

O inglês é a língua da qual o francês e o português brasileiro mais importam estrangeirismos e empréstimos lexicais, justamente pelo destaque que países como Estados Unidos e Inglaterra têm e tiveram no cenário internacional. No século XIX, a Inglaterra dominava várias

RANDO, Fernanda Silva. Os estrangeirismos em a volta ao mundo em oitenta dias, de Jules Verne. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 19-40, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

colônias pelo mundo e exercia influência em vários países, como a França, algo que se reflete no léxico da língua francesa com a adesão de determinados anglicismos. Foi justamente nesse período que Jules Verne lançou *A volta ao mundo em 80 dias*, com um protagonista inglês inserido em uma narrativa repleta de lexias inglesas, tanto aquelas que possivelmente estavam vigentes no uso da época, como outras para reforçar o caráter estrangeiro do personagem.

Nas décadas em que as três traduções brasileiras selecionadas para este trabalho foram publicadas, mais especificamente as de 1960, 1990 e 2010, é relatada ainda a presença da língua inglesa na sociedade brasileira por meio de empréstimos e estrangeirismos, visto que esse processo de inserção se iniciou de modo mais evidente, segundo Carvalho (2009), na segunda metade do século XX.

Por meio das análises, foram identificadas estratégias diversas para lidar com os estrangeirismos, sendo a tradução mais antiga a que menos apresentou anglicismos ou outras lexias estrangeiras, em comparação com as outras duas. Isso evidencia a complexidade da atividade tradutória, entre outros motivos, pelo fato de o tradutor lidar com o léxico de duas línguas distintas, o da língua de partida e o da língua de chegada, que não é estável, está sempre em evolução e carrega formas distintas de categorização e percepção dos fatos do mundo, tudo isso sem poder também destituir-se do próprio léxico individual e das próprias experiências.

Referências bibliográficas

BAGNO, M. Cassandra, Fênix e outros mitos. In: FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 47-81.

BANK-NOTE. In: *Trésor de la langue française informatisé*. Nancy: ATILF – CNRS, 2002. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BIDERMAN, M. T. C. A categorização léxica. In: *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 139-144

_____. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 2 ago. 1998.

_____. A estrutura mental do léxico. *Estudos de Filologia Linguística*. São Paulo: Queroz/EDUSP: 1981. p. 131-145

RANDO, Fernanda Silva. Os estrangeirismos em a volta ao mundo em oitenta dias, de Jules Verne. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 19-40, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

BORBA, F. S. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A. (org.). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p. 81-96. v. 10

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

FRANCISCO, R. Estrangeirização e domesticação: indo além de mais uma dicotomia. *Scientia Traductionis*, n.16, p.91-100, 2014.

FRANCO, C. B. *O léxico da Belle Époque na obra de João do Rio*. Orientador: C. A. A. Murakawa. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

FURA-VIDAS. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 940.

GARCEZ, M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 15-36.

LARA, L. F. El léxico, símbolo social. In: *Curso de Lexicología*. México D.F.: El Colegio de México, 2006/2015. p. 213-229.

LATHEY, G. Summary of Part One: Translation Practices and the Child Audience. In: LATHEY, Gilian (Ed). *The Translation of Children's Literature: a reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. p. 111-124.

PAIVA, V. L. M. O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C. M. T; CUNHA, M. J. (org.). *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003. p. 53- 84

PARREIRA DA SILVA, M. C. Os estrangeirismos e o vocabulário fundamental nos dicionários bilíngues. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 215-234, abr. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6949>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

PAUMIER, J. Y. *Jules Verne, voyageur extraordinaire: à la découverte des mondes connus et inconnus*. Paris: Glénat, 2008.

RANDO, Fernanda Silva. Os estrangeirismos em a volta ao mundo em oitenta dias, de Jules Verne. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 19-40, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

POLGUÈRE, A. Sentido linguístico. In.: *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 99-155.

REIS, S. C. Neologismos por adoção: anglicismos. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. *Neologia das Língua Românicas*. São Paulo: Humanitas, 2015. p. 597- 610

RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.

ROSA, J. M. *Galicismos no português do Brasil: uma abordagem lexicográfica*. Orientadora: M. H. de Paula. 2013. 261 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013.

SIMÃO, A. K. G.; DEÂNGELI, M. A. As traduções de *El Hombre de mi vida* para o Francês e o português: léxico e diferença. *Caderno de Letras*, Pelotas-RS, n. 34: 499-517, maio-agosto 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/16968/10621>. Acesso em: 8 jul. 2020.

SUSANTO, D. L'anglicisme dans la langue française. *Digital Press Social Sciences and Humanities*, v. 3, p. 1-7, out. 2019. Disponível em: <https://digitalpress.ugm.ac.id/article/286>. Acesso em 30 maio 2020.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de L. Pelegrin, L. Marcelino Villela, M. D. Esqueda, V. Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

VERNE, J. *A volta ao mundo em 80 dias: edição comentada e ilustrada*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. *Le tour du monde en 80 jours*. s. l.: Éditions Liganan, 2014. *E-book*.

_____. *A volta ao mundo em 80 dias*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. *A volta ao mundo em 80 dias*. Tradução de Vieira Neto. Guanabara: Matos Peixoto, 1963.

VIANA, M. Jules Verne e Pierre-Jules Hetzel: o encontro entre um escritor e um editor combativo. *Livro*, Cotia-SP, n. 3, p. 131-151, 2013.

RANDO, Fernanda Silva. Os estrangeirismos em a volta ao mundo em oitenta dias, de Jules Verne. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 19-40, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. Léxico. In: *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014, p. 19-74.

Recebido em: 04/05/2021
Aprovado em: 09/07/2021